



## **As mulheres do império: uma leitura de *Ana de Amsterdam***

### ***Women's Empire: A Reading of Ana de Amsterdam***

Naira Almeida Nascimento

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

naira.alm@gmail.com

**Resumo:** Enquadrado no bojo da produção identificada como “literatura dos retornados”, o interesse principal de *Ana de Amsterdam* (2016a), de Ana Cássia Rebelo, não recai nas imagens traumáticas do retorno ou na violência praticada entre colonizadores e colonizados, como é recorrente no gênero. De forma até sintomática, as lembranças de África são esporádicas na menina de cinco anos que deixou Moçambique junto à família. Em seu lugar, a exuberância de uma Índia portuguesa sonhada e projetada por ela ocupam as lacunas de um presente insatisfatório, dividido entre a criação dos três filhos de um casamento em crise e o emprego burocrático desempenhado numa Lisboa pouco atrativa. Em ambos, tanto na Goa portuguesa como no trajeto para o trabalho, despontam narrativas de mulheres que constituem a síntese entre o diário íntimo de Ana e a escrita testemunhal da diáspora. Numa primeira parte do estudo, recupera-se a gênese do romance no formato do *blog* assinado pela autora, evidenciando a “escrita do eu”, nos moldes dos estudos de autobiografias, diários e afins. O segundo momento volta-se para a escrita testemunhal no lastro da narrativa pós-colonial e também da pós-memória. Em comum, os dois planos tratam da perspectiva feminina, seja na batalha contemporânea da cosmopolita Lisboa, seja nos desdobramentos silenciados do pós-colonialismo, em meio às histórias duplicadas de outras tantas Anas.

**Palavras-chave:** *Ana de Amsterdam*; Ana Cássia Rebelo; diário íntimo; literatura de testemunho; *blogs*.

**Abstract:** Framed in the center of the production identified as “literature of the returnees”, the main focus of *Ana de Amsterdam* (2016a) by Ana Cássia Rebelo, does not lie in the traumatic images of the return or in the violence practiced between colonizers and colonized, as it is usually the case in this genre. Somehow, even symptomatically, African memories are sporadic in the five-year-old girl who left Mozambique with her family. Instead, the exuberance of a Portuguese India, dreamed and projected by her, occupies the gaps of an unsatisfactory present, dividing herself to raise three children of a marriage in crisis and work in the bureaucratic employment situated in an unattractive Lisbon. In both, Portuguese Goa and on the way to work, narratives of women emerge and represent the synthesis between Ana’s private diary and the testimonial writing of the diaspora. In a first part of the study, the genesis of the novel is recovered in the form of a blog signed by the author, emphasizing the “writing of the self”, in the molds of autobiographies, journals and etc. The second moment turns to the testimonial writing in the basis of the postcolonial narrative and also of the post-memory. In common, the two plans deal with the feminine perspective, whether in the contemporary battle of cosmopolitan Lisbon or in the silenced developments of postcolonialism, in the middle of the duplicate stories of so many Anas.

**Keywords:** *Ana de Amsterdam*; Ana Cássia Rebelo; diary; testimonial literature; *blogs*.

Data de recebimento 29 de maio de 2019.

Data de aprovação: 7 de agosto de 2019.

*Ana de Amsterdam*, estreia na ficção de Ana Cássia Rebelo, já exhibe o teor confessional de que é feito logo nas primeiras páginas:

É hoje a consulta com o novo psiquiatra. Embirro com psiquiatras, psicólogos e afins. Vai ouvir-me falar durante meia dúzia de minutos. Vou ter de resumir a minha tristeza e solidão em frases contidas, curtas e concisas. Ainda não sei se lhe hei-de falar da frigidez. Não é fácil confessar-me assim, feita de gelo. (REBELO, 2016a, p. 15)

Correspondendo à entrada do seu *blog* homônimo, datado de 29 de junho de 2006, a passagem encabeça o romance publicado em 2015 e, no Brasil, em 2016. Descartam-se, portanto, as duas primeiras entradas. A

inaugural, letra da música de Chico Buarque que inspira tanto o romance como o *blog*, e a segunda, uma crítica mordaz à escritora Mafalda Ivo Cruz. A então colega de ofício seria lembrada ainda numa entrada posterior, também excluída no livro, mas que importa por esclarecer sobre o próprio projeto literário de Ana Rebelo:

Li um livro da Iris Murdoch. Dava o corpo, vendia a alma ao diabo, cortava uma mão, assistia a vários programas de entrevistas da Bárbara Guimarães, rapava o cabelo, fazia o que fosse preciso, para escrever assim. Logo de seguida li um livro da Ana Teresa Pereira. Pensava que existia apenas uma Mafalda Ivo Cruz na literatura portuguesa. Afinal há duas. E calo-me, estrangulo os dedinhos, por consideração a quem aprecia escritores que gostam de descrever ambientes atafalhados de aprumo intelectual, onde se fode ao som das variações goldberg. Criada nos arrabaldes, reconheço, sou uma pobre criatura iletrada, boçal e suburbana. Os escritores assim dão-me náuseas. (REBELO, 2010).

Conforme depreendido, a autora não adere aos falsos requintes do discurso literário, norteando-se pelo senso de comunicação, sem contudo abdicar do efeito linguístico provocado no leitor. A sua escrita escapa igualmente à autocomplacência, comumente evocada em escritos autobiográficos.

Surgido na sequência de uma tentativa malograda de suicídio, o que o aproxima ao menos na gênese à escrita terapêutica, o *blog* da autora, advogada em tempo integral e mãe de três filhos, poderia facilmente ceder às demandas apenas de um drama existencial. Embora eivado por imensa tristeza, considerando o estado depressivo da personagem que se arrasta por anos, e pela revolta, sentimento que marca muitas das suas relações com o mundo, não encontramos uma complacência ou uma atitude de vitimização. O caráter direto, seco e sem rodeios de suas declarações chega inclusive a constranger ou a chocar o seu leitor.

Quanto ao estilo, questionada, em entrevista, acerca de haver deletado uma postagem em que se pronunciava acerca do feminismo, Ana Rebelo esclarece:

[...] bebo mais do que devia quando a noite chega, depois de deitar os meus filhos. Bebo para aguentar a solidão que a noite traz. Nessas alturas, um pouco ébria, escrevo no blogue sem a contenção que acho ser necessária na escrita. Quando amanhece,

depois de despertar os meus filhos, apago o que escrevi. Não por não me rever no que escrevi, mas apenas porque formalmente a escrita é pobre. (REBELO, 2016b).

A forte relação musical de sua produção é atestada em iniciativas anteriores. Além de “Ana de Amsterdam”, que enfatiza o vínculo com o compositor brasileiro, Ana Rebelo assinou os *blogs* “Alice no País dos Matraquilhos”, de 2003, “Pano-Cru” e, mais tarde, “2.º Andar Direito”, sendo o primeiro e o último títulos de músicas de Sérgio Godinho, cantor tradicional da música portuguesa. Não raramente, é ao som de músicas e livros prediletos que Ana, acompanhada do copo de *whisky* ou da taça de vinho, atravessa as noites brancas de insone. Do mesmo modo, vários de seus *posts* têm como argumento a música.

O processo que leva o *blog* para o formato de livro se estendeu durante quase dez anos. Segundo a autora, havia receio de que a transposição não funcionasse. O livro sai apenas em 2015 por insistência do editor João Pedro George, e, no ano seguinte, no Brasil, pela Biblioteca Azul, selo da Editora Globo. João Pedro George e Ana Rebelo foram os responsáveis pela rigorosa seleção das postagens, optando-se pela retirada de quase todos os títulos que encabeçavam as entradas. Outra diferença a ser considerada é o enfoque das duas edições.

No caso brasileiro, assumiu-se o livro como ficção por questões de mercado. Considerando-se a pouca expressividade da autora no cenário brasileiro, a demanda por um diário íntimo cairia por terra. Além do desconhecimento da autora entre nós, também vigora uma pouca familiaridade com a questão de ordem mais histórica que embasa as memórias de Ana, ainda que o Brasil tenha se distinguido como um dos destinos de parte dos retornados na década de 1970.

Temos aí distinguidos três tipos de texto que demandam acolhidas diversas. O *blog*, primeiramente, com o sentido mais presente da comunicação direta com seus leitores; o livro no formato de diário íntimo em Portugal, contando com maior intervenção na seleção e disposição de textos já editados, mas lido predominantemente na chave do documental; o romance, no Brasil, que possibilita uma leitura mais aberta, considerando as lacunas deixadas pelo discurso memorialístico.

Enquanto romance, impera um corpo marcado pela heterogeneidade, conforme prefigurado por M. Bakhtin. Diário íntimo, escrita testemunhal, autoficção são algumas das entradas possíveis de discussão. Seguindo

essa via, a romanesca, abordamos *Ana de Amsterdam*, entendendo na sua tessitura os vestígios de outras escritas.

## 1 A escrita enquanto antídoto para a morte

Amsterdam, do título, veio da sugestão de personagem de Chico Buarque, autor de predileção da autora. De acordo com Ana Rebelo, antes mesmo de saber do enredo que embasou a peça *Calabar*, para a qual Chico Buarque compôs a música que intitula o livro, ela já se encantava com a sonoridade e as possibilidades abertas pelo codinome, que tem lugar como epígrafe: “Sou Ana de cabo a tenente / Sou Ana de toda patente, das Índias / Sou Ana do oriente, ocidente, acidente, gelada. / Até amanhã, sou Ana / Do cabo, do raso, dos ratos / Sou Ana de Amsterdam”. (REBELO, 2016a).

O *blog*, cujas postagens dão corpo ao romance, surge após uma tentativa de suicídio, ao que se segue o tratamento psiquiátrico, evocado diversas vezes ao longo do texto. Diagnosticada com depressão reativa, a escrita, segundo ela, teria também uma função terapêutica; se não pode curá-la, como assume sem ingenuidades, ao menos a mantém viva. A melancolia invade a narrativa quando menos se espera:

Não sei o que fazer com a tristeza quando ela toma conta de mim. Não a convido. Não sei porque vem, derramando tentáculos de dor. Sinto-a fisicamente, como se fosse um bicho, um parasita. Petrifica-me. Torno-me um cristal baço. Uma mancha de bolor. Uma estátua grotesca. Repelente. Torno-me uma fêmea de jacaré ou caimão. Sou uma fêmea de caimão. Sei, com precisão, onde no meu corpo, se aloja a tristeza. Sinto-a aninhada na traqueia, perto da laringe e da faringe. Nas imediações da glote. Provoca-me náuseas. Vontade de vomitar, também. Hoje, durante o almoço, transformou-se em lágrimas e escorreu sobre a sopa de agriões. (REBELO, 2016a, p. 37).

É patente também a *secura* e o despojamento com que assume a insatisfação diante do casamento, das demandas da maternidade, do corpo e do cotidiano. Sem fazer concessões, Ana expõe o martírio das noites brancas, do círculo vicioso dos medicamentos ou da rejeição do corpo, de que são exemplos as várias passagens em que ela se vê reproduzida na imagem projetada:

Olho-me novamente no espelho. Aquela que ali está, do outro lado, sou eu. Preferia que não fosse, mas sou. Um metro e meio de altura. Cabelo preto, comprido, liso, à força de tanto o esticar. Alguns cabelos brancos. Olhos escuros. Um nariz grande, redondo. Uma pele cheia de poros abertos, pontos negros, vermelhidões. Um mamam cada vez mais pequenas, mais caídas, como se fossem flores murchas dentro de uma jarra. Olho para a mancha castanha enorme na coxa esquerda, uma mancha estranha, irregular, que tem o recorte do mapa da Inglaterra [...]. Tenho as pernas cobertas de cicatrizes. Estico os braços, vejo as minhas mãos pequenas, rodo-as para cima, em direção ao tecto. No meu pulso direito, as marcas, quase invisíveis, de dois cortes. Ninguém dá por elas, ninguém as vê, é como se não existissem. Mas eu sei que estão lá e nunca as esqueço. É este o meu corpo. Às vezes, tenho vontade de o abandonar para sempre. (REBELO, 2016a, p. 43).

Por vezes chega mesmo a ser implacável em sua autocrítica. Ora é o corpo morto, sem viço com que não estabelece identificação (REBELO, 2016a, p. 21), ora são as pernas mais feias do mundo, que se desnudam no consultório do ginecologista, cheias de pelos encravados e das marcas de picadas de mosquitos (REBELO, 2016a, p. 34), ou ainda no autoexame que se impõe:

Depois de alguma hesitação, resolvi enfrentá-la. Afinal, pensei, foi por ali, por tal abertura, que os meus filhos abraçaram o mundo [...]. Portanto, nem que fosse pelos meus filhos, eu devia enfrentar a minha vagina. Olhá-la de frente. Olhei-a então. Não sei como são as outras, porque não ando a espreitar vaginas alheias, mas detestei a minha. Faz-me lembrar uma amiba, um crustáceo, uma ostra, uma daquelas lapas que estão presas às rochas da beira-mar e que se encolhem quando as soltamos. Feia, primitiva, um resquício de antiguidade, de rudeza. A sua forma, consistência e textura revelam como é o nosso corpo por dentro, uma massa de sangue, nervos, gorduras, órgãos, fezes, vasos, tecidos, sucos, cartilagens, carne. (REBELO, 2016a, p. 31).

Aliás, o grotesco constitui outro recurso frequente, lembrando, contra a vontade da indústria cosmética contemporânea, da matéria decrépita e efêmera de que somos feitos. Os piolhos transmitidos pela filha em idade escolar, a pústula herpial surgida no lábio superior, os joanetes que lhe impedem de usar o salto alto e, o pior, o corrimento

vaginal que vaza do seu interior levam-na a concluir: “Apodreço” (REBELO, 2016a, p. 31).

Não é raro que o leitor desenvolva uma certa incompatibilidade com a personagem, tamanha a agressividade que escapa de suas apreciações, sem preocupar-se em salvar alguma imagem do mundo que a cerca. Por trás da hostilidade sempre em riste, acaba desabando, contudo, nos braços maduros dos filhos ainda crianças ou no porto seguro da casa dos pais, mais precisamente, na cama ancestral de pau-rosa do casal trazida de África.

Tendo optado pelo divórcio logo na primeira parte da narrativa, a ela passa a caber a rotina dos filhos, as idas e vindas da escola, as tarefas escolares, o preparo da alimentação, atividades que se transformam por vezes num verdadeiro martírio na vítima de depressão. Além disso, o desejo de reconstruir afetivamente sua vida assinala-se pouco promissor diante de parceiros descompromissados que cruzam seu caminho. A lembrança de um deles insiste nas anotações diárias, conquanto não se materialize como um personagem de maior peso. E esse também é um efeito da reversão do diário para a escrita ficcional. Os dias decompostos e sem sequencialidade do diário íntimo moldado no formato do romance refutam as minúcias e perdem o caráter informativo e mais imediato, ao passo que ganham como sugestões provocadas no leitor.

Desconfiando da recepção atribuída ao livro por parte de algumas resenhas críticas enquanto mais um relato íntimo da depressão da autora, Lilian Reichert Coelho defende que a escrita de Ana Rebelo merece bem mais consideração:

A ambiguidade inerente ao que se supõe (auto)biográfico é sempre uma armadilha. Se os textos de Rebelo forem lidos numa chave que exclui a ficção, confirmando ingenuamente a escrita da vida vivida, por ter como “autora” aquela que diz “eu” nos textos, o leitor malogra. Pergunto--me se quem acredita nessa autenticidade não duvida nem um momento da profusão de consciência de si que transborda da escrita de Ana Cássia. Ainda mais para uma escritora-narradora que afirma constantemente querer aniquilar-se, o que de algum modo coloca o leitor sempre no limite entre defrontar-se com a morte autoinduzida e o alívio pela não realização ou pelo adiamento pois, só assim, a escrita pode continuar. (COELHO, 2017, p. 127).

## 2 Do diário íntimo à escrita testemunhal

Adensando um filão que se destaca na produção contemporânea portuguesa das últimas décadas, *Ana de Amsterdam* inclui características que o cercam à literatura de retornados. Se um número expressivo desses romances é assinado por protagonistas do período colonial em África, ultimamente ele vem dando lugar à voz de seus filhos, muitos deles crianças no período do retorno.

Ultrapassados os anos mais traumáticos e as dificuldades de inserção na sociedade portuguesa, os rebentos do período revolucionário abrem o baú, expondo as feridas ainda mal cicatrizadas diante do preconceito e hostilidade sofridos no regresso à terra natal de seus pais e avós. Não identificados com a nova sociedade que se formava nos países africanos que fizeram parte do Império Colonial Português, tampouco sentem em Portugal o lar que acabam de perder. Ao silêncio imposto aos pais pelo drama diante das precárias condições com que o pobre país acolheu um alto contingente populacional, impõe-se aos seus filhos a tarefa de explicar o seu lado daquela história de rancores adormecidos.

Diferente da grande parte dos retornados que sai de África em direção a Portugal, a família de Ana Cássia Rebelo conta ainda com outro elemento nesse périplo. Originário de Goa, na Índia, o pai, estabelecido em Moçambique, país com forte presença asiática, e casado com uma portuguesa do Alentejo, deixa a África em 1977, quando a família se estabelece em Lisboa. Conforme depõe ela mesma:

É complicado ser-se de toda a parte e não se ser de sítio nenhum. É difícil ter tantas raízes. Uma compridas, que atravessam países, mares, fronteiras para fundearem lá longe, perto do rio Zuari, onde há quintais com cobras e a claridade do crepúsculo tem a cor da clara do ovo. Outras que se estendem além-Tejo, por serranias de giestas habitadas por zorras e homens que matam a sede bebendo por cochos de cortiça. Outras raízes que latejam memórias antigas, familiares, cheias de bichos: hipopótamos, jacarés, morcegos, leões, macacos, lagartas leitosas que vivem sob a minha pele. Outras ainda imaginárias, que teço, que quero ter, que só por incompetência do destino não são minhas. São raízes que acrescento às reais, que atravessam o Atlântico para se apaziguarem num lugar onde todos, ou quase todos, são como eu, mestiços. (REBELO, 2016b, p. 29).

Apesar de haver acompanhado a família no abandono de Moçambique quando contava com 4 ou 5 anos, as reminiscências de Ana não revelam a vivência de um forte trauma. Diferentemente do tom bastante ressentido que predomina nos relatos de retornados, tanto em relação à ação dos grupos revolucionários, que o viam como usurpadores coloniais em solo africano, tanto em relação à população portuguesa, que não lhes era receptiva por conta da situação econômica advinda ao país com o processo de descolonização, *Ana de Amsterdam* prende-se pouco ou nada às agruras sofridas pela família nesses anos.

Utilizando como contraponto os *Cadernos de memórias coloniais*, livro de Isabela Figueiredo, saído em Portugal em 2009 e também resultado da escrita de *blog*, que expõe de modo contundente o racismo e a violência nas relações coloniais, Ana Rebelo ajuíza:

A minha África é diferente da África dela. Não encontro nas memórias da minha família desprezo ou ódio. Só culpa. A minha África é uma história que cada um de nós carrega em silêncio. É uma história com apenas quatro personagens: o jovem goês; a negra, menina-mulher, sozinha na beira de um caminho de poeira vermelha a chorar, sem homem e sem filho; a enfermeira, a mais bonita do lar da rua da Sociedade Farmacêutica, que se casou com o goês e fez seu o filho da negra; o menino sem memória, mulato, que se enroscava no colo da enfermeira portuguesa e lhe pedia “mamã, faz-me cabelo de branco”. (REBELO, 2016b, p. 111).

Ainda que pareça desdramatizar a ruptura com o passado, o tempo da infância em Moçambique, a sua fala faz mais que isso. Ela enuncia as origens do irmão e, por consequência, de toda a família, fundada na violência do sequestro da criança, nascida de uma relação bastarda, por parte do pai biológico e a tentativa de rasurar esse passado na evocação do “cabelo de branco”, cenário construído pela escrita de uma cena dificilmente presenciada pela autora, que contava menos anos que o menino. No que afirma constituir a parca história da família revela-se o trauma da partida, relegando ao abandono aqueles que permaneceram em África e com eles as memórias empacotadas dos que partiram:

Certo dia chegou um papelinho oficial a comunicar que o meu pai tinha quinze dias para abandonar o país. Se ficasse, avisavam, corria o risco de ser preso por traição, por infame convivência com a anterior potência colonizadora. A ordem de expulsão era assinada,

numa letrinha feminina e redonda que sugeria certo recato, por um tal Armando Guebuza. Ficou a minha mãe sozinha no apartamento de Lourenço Marques, na Avenida Central, com três filhos, o trabalho no dispensário, uma vida inteira pra despachar em caixotes e contentores. Como se embalam as memórias, os hipopótamos descansando nos lagos, as nuvens taurinas abatendo-se na baía, o chão encerado da casa de Tete? Como se encaixota o cheiro doce das mulheres, a brancura fosforescente dos dentes dos meninos? (REBELO, 2016b, p. 63).

Esquecer, mesmo quarenta anos depois, faz parte do jogo, pois, como, admite Ana, cada um deles carrega a sua história em silêncio (REBELO, 2016b, p. 111). O estigma da bastardia já havia determinado outra ruptura, a do pai, deserdado pela família indiana por haver engravidado uma mulher negra (REBELO, 2016b, p. 25). Também a consciência do desprezo pelos retornados vem-lhe um pouco mais tarde, por volta dos oito ou nove anos, em visita à aldeia da avó materna, no Alentejo. Em resposta à interrogação de uma vizinha sobre sua identidade, responde ingenuamente ser a neta da Dona Felicidade, ao que a outra infere: “Ah, és a filha do indiano retornado” (REBELO, 2016b, p. 119). Sem conhecer o significado da palavra famigerada, relaciona-a com as conversas ouvidas em casa entre o pai e a tia, e presente o peso que decalcaria em seu futuro.

As lacunas deixadas pelas experiências sublimadas em seus primeiros anos e sobre as que não se quer falar parecem, por vezes, preenchidas por um imaginário fundado em uma aparente estereotipia sobre o território africano, como, por exemplo, na visão recorrente dos hipopótamos. Mas, além de resgatar uma associação do tipo escolar aos imensos quadrúpedes, a imagem pode também indicar, por um processo metafórico, o sentido desproporcional entre o gigantesco animal e a redução mnemônica (“Como se embalam as memórias, os hipopótamos descansando nos lagos”. REBELO, 2016a, p. 63).

Outras lembranças ocorrem através do plano sensorial, como a do “país das planícies infinitas, dos bichos grandes e pequenos, das cidades cor-de-rosa batidas pelo mar, das lagartas leitosas que crescem por baixo da minha pele”. (REBELO, 2016a, p. 44). Ou ainda, no registro aos quatro anos, ao abrir a geleira (geladeira) e enfiar o dedo no boião azul, onde a mãe guardava o leite condensado, e experimentá-lo, momento de prazer interrompido pela percepção da travessa de caril de caranguejo, que a

deixa consternada com os pequenos crustáceos mortos. (REBELO, 2016a, p. 44). Essa África ainda toma forma nos sonhos, em que se insinua o lugar interdito para Ana:

[...] estou em Maputo e rodo a cidade num carro. Os prédios altos estão pintados de branco. Há roupa colorida nos estendais. A cidade não é a cidade. Tem lagoas nos arrabaldes. Parecem tanques gigantes esculpido na rocha. Dois meninos mergulham e os seus corpos desaparecem na água que é verde e amarela. Árvores gigantes largam flores vermelhas pelo chão. O vento leva-as para longe. Olho as lagoas na companhia dos meus irmãos. “Quero mergulhar”, digo. Eles riem do meu desejo. (REBELO, 2016a, p. 46).

Também aqui a memória parece trair a representação. Primeiro, no nome da cidade de infância, Lourenço Marques, traduzida aqui pela denominação pós-independência, Maputo. Depois, pelo espaço urbano tomado pelo imaginário bárbaro de árvores gigantes e lagoas. A impossibilidade do mergulho nas águas revela a dificuldade da introjeção em si mesma ou na realidade retratada do país.

Enquanto a presença africana faz-se escassa em *Ana de Amsterdam*, a Ásia goesa compensa em créditos os espaços do Índico. Esse peso pode ser explicado pela hegemonia cultural indiana na família radicada em Moçambique. Ou seja, participando de uma comunidade representativa no país, a manutenção das tradições culturais, conjugada a um certo grau de fechamento sobre si mesma, justificaria uma referência maior àquelas raízes não experimentadas anteriormente de maneira direta pela escritora, mas vivida intensamente por seus membros.

Contudo, não seria de todo improvável pensar Goa, de expressão marcante no livro, enquanto um destino escapista e, não raro, assinalado pelas projeções feéricas que visitam a protagonista. Tal impressão se dá no formato do livro, graças às subtrações de postagens constantes no *blog* que explicam, no plano referencial, as incursões de Ana pelas terras indianas. O que, no *blog*, é simplificado pela informação da sua primeira viagem a Goa, no livro, ganha uma ambiguidade, considerando que o leitor não consegue precisar se as ações ocorrem no nível da realidade ou do sonho.

Funcionando quase como uma terceira margem (nem as reminiscências de África, nem o presente pouco promissor na cidade de

Lisboa), Goa acena com as possibilidades de um futuro em construção ou simplesmente como um abrigo temporário: “A minha mãe não percebe que a Índia faz parte de nós, do meu pai, de mim, dos meus filhos, dos meus irmãos, dela própria. Tem permissão para entrar, quando quiser, como quiser, por onde quiser, nas nossas vidas.” (REBELO, 2016a, p. 17).

Identificada com o berço paterno, Maina, sua parcela de Goa, evoca, contudo, os laços de entre as mulheres. Tias, primas e agregadas compõem um painel fundado nas relações de companheirismo e de solidariedade. Em lugar do espaço masculino e do gesto bélico comumente associado às narrativas do retorno, a Goa de *Ana de Amsterdam* prioriza as vozes fraternas de suas mulheres. Também a vertente do autoconhecimento emana das trocas que desafiam tradições fortemente assentadas no poder masculino.

### **3 As mulheres do Império e um império de mulheres**

Ao cenário da casa lisboeta, que nos oferece a perspectiva íntima de Ana, opõe-se o bulício da rua, espaço em que ela se depara com outras personagens que tomam forma através da sua hábil imaginação. As memórias do império colonial desfeito apresentam-se a seus olhos nas impressões fragmentadas colhidas nas ruas e sobretudo nos vagões e estações de metrô e de trem da metrópole. É valendo-se do anonimato do ambiente cosmopolita que Ana acompanha o percurso diário dessas mulheres, dando-lhe voz na expressão de suas angústias ou simplesmente imaginando suas histórias, diante dos rostos contidos a caminho do trabalho.

É o caso seguido por Ana durante quase dois anos de quatro conhecidas que se encontram todos os dias no mesmo vagão para tecer seu rosário de queixas íntimas, impudicamente, na presença dos demais passageiros. Maria Augusta, deã do grupo, ocupada da criação de uma neta; a Fátima, mãe do Telmo Miguel e do Bruno, adolescentes que trabalham como seguranças de um supermercado; a coquete Lurdes, proprietária de um *Smart* e leitora compulsiva de best-sellers; e Carla, a mais nova, ainda encantada com a vida familiar, divide suas falas em torno do marido Rui e da filha. Essas mulheres transformam-se no centro de sua atenção naquele breve intervalo da manhã e ganha contornos de uma novela, em outras passagens:

Um dia, voltava eu mais cedo para casa, apanhei a Carla no comboio da tarde com um homem. Era verão e o fresco da carruagem climatizada tornava a tarde menos penosa. A carruagem vinha deserta. A Carla sorria com os olhos ao homem, e, nos silêncios, falava-lhe com o corpo todo. Naquela tarde, esqueceu o marido e a filha. Lembrou-se dela. (REBELO, 2016a, p. 105).

Além das mulheres vistas e adivinhadas nas ruas, o livro dá voz a outras tantas que pontuam o diário íntimo de Ana. Trata-se de entradas singulares, pois, diferentemente das demais, veem encabeçadas pelos nomes de suas personagens. Judite, Guiomar, Branca, Ana Paula, Aninhas, Rosa Maria, Alice, Elsa, Laura, Adélia, Maria Adelaide; cada uma escondendo e revelando, pela narrativa que a projeta, histórias do horror vivido no cotidiano com seus parceiros ou em perpétua solidão.

Judite é a primeira delas, com registro em 9 de março de 2007. A voz em primeira pessoa, justificada pelo pensamento de Judite, aproxima o leitor das emoções de uma mulher que aguarda o amante no escuro do quarto. O desdobramento é trágico. Depois de possuída, Judite toma do machado escamoteado por baixo da cama e decepa a cabeça do amante: “Ele abrirá os olhos segundos antes de o cutelo o penetrar. Um grito mudo perder-se-á pelo quarto. Baterá nas vidraças fechadas como moscas cegas. Haverá sangue derramado pela cama. Um líquido viscoso, denso, quase preto. Quando a sua cabeça rolar para o chão, adormecerei.” (REBELO, 2016a, p. 31).

A chave de leitura é deixada ao final: “Antes, porém, direi o seu nome: Holofernes.”. A paródia atualizada que se tece da personagem bíblica foi celebrizada tanto por Caravaggio como por Goya. No primeiro, de onde provavelmente vem a sugestão, se levarmos em conta a indicação do dia 22 de março do mesmo ano, em que se enuncia apenas: “Judite. Caravaggio, 1599. Às vezes sabia bem ter um Holofernes à mão”, tem-se a representação dramática da escola barroca em que se projeta do pescoço da vítima três jorros de sangue diante do olhar aterrorizado da criada que acompanha Judite. Justiceira, a memória da Judite bíblica, viúva, é lembrada por haver libertado seu povo do jugo tirano do general assírio, no cerco a Betúlia.

Seguem à Judite, as muitas outras faces femininas, cujos desejos fazem-se invisíveis às sondagens humanas, como Guiomar. Dominada pela friquidez, sentiu prazer apenas uma vez na vida, ao ser molestada no trem um dia quando retornava a casa.

O comboio estava cheio. Os passageiros comprimiam-se, formando um corpo único. Uma amálgama de gente. Um homem tocou-me na perna. Com ligeireza e propósito. Senti um frémito. Um estremecimento. Uma poeira branca de luz pairou sobre mim. Depois, senti um carreiro de formigas subir pelas minhas pernas e tocar-me por dentro. O homem encostou-se. Eu deixei. Ficámos assim, imóveis, durante alguns minutos. O homem saiu, por fim, em Massarelos. Levou as formigas consigo. Não sei para onde foram. Fugiram. Nunca mais voltaram. O meu desejo tem corpo de insecto pequenino e vive perdido em Massarelos. (REBELO, 2016a, p. 45).

Branca, outra frígida, contudo, vale-se do discurso sobre a disfunção para atrair suas vítimas. No fim, derrotados, encaravam o vazio e sofriam, não “por Branca, mas por si próprios”. (REBELO, 2016, p. 45).

Ana Paula, secretária de um consultório médico; Aninhas, de tendências suicidas; Rosa Maria e Alice, prostitutas; menina Elsa, outra secretária, dessa vez virgem; Laura, amante do professor de semiótica; Adélia, a neta preterida de Dna. Armandinha; Maria Adelaide, diagnosticada com um tumor maligno, que acaba por abreviar a morte próxima. Todas elas formam uma corrente de vozes femininas, caladas em suas histórias de prazeres não vividos, abortados ou censurados.

Se Ana vive um processo de estranhamento consigo mesma e de rejeição por seu corpo, essas narrativas estabelecem uma identificação, uma conexão com outros destinos. A eles vêm-se somar outras vozes, essas ainda mais próximas de sua história: as mulheres da família e as mulheres de Goa. A lembrança da tia Ercília, viúva, que se suicidou atirando-se da janela, leva-lhe a questionar-se sobre os pequenos destinos atribuídos a essas mulheres:

Sempre estranhei a sua morte por ser uma mulher simples, com uma vida simples, de hábito simples. Achava, naquele tempo, que se suicidavam apenas os escritores, os pintores, os poetas, enfim, os tolos que esperam demais da vida. O suicídio, parecia-me, exigia sensibilidade, e a minha tia Ercília não a tinha. (REBELO, 2016a, p. 135).

Embora experimentados desde criança, através dos costumes familiares em Lisboa, a cultura indiana carrega-se de significado na busca empreendida por Ana após sua tentativa de suicídio. As passagens de Goa

mesclam-se no seu diário como fantasmagorias, criando uma atmosfera onírica sobre esse espaço. A introdução no universo goês parece ser marcado inclusive por um ritual, funcionando como um batismo, quando Ana aprende a vestir o sari:

Despimo-nos. Eu, a sobrinha europeia. Ela, a tia goesa, a menina que meu pai carregava por caminhos sinuosos de chuva e lama até à escola. A nudez traz-nos a proximidade que tardava em chegar. Assim despidas, a tia Amália começa a lição. Primeiro o saiote, bem apertado ligeiramente por cima da anca. O umbigo deve deixar-se sempre destapado. É por aí que o corpo respira, explica. Se se cobrir o umbigo o corpo sufoca. Depois a blusa que deve ser justa e tapa apenas o peito. Por fim, o retângulo que envolve o corpo como se fosse um casulo. Há quatro passos essenciais que não se podem esquecer. O mais difícil é preguear decentemente a parte de baixo. É preciso ter mãos habilidosas para o fazer. À medida que fala, a tia Maria executa os gestos, enrolando-se na perfeição no tecido. Tento imitá-la. (REBELO, 2016a, p. 26).

A descoberta de Goa corre *pari passu* ao processo de desvendamento das relações construídas em relação ao casamento e aos filhos, e da denúncia dos papéis sociais atribuídos normalmente à mulher. Se no início da narrativa, dá-se a entender o desconhecimento de Ana do país natal do pai, aos poucos essa realidade vai se anunciando diante dos seus olhos e adensa, contaminando os espaços de representação:

A verdade, porém, é que em Goa não me sinto estranha. Nada me causa repulsa, agonia ou comiseração. Nem o clima, nem os mosquitos, nem a sujidade que muita gente, torcendo o mariz, em jeito de aviso, me assegurou grassar por toda a parte. Goa entrou dentro do meu corpo. Derramou-se em cores, com todos os seus excessos e encantos, na minha vida. Como se fosse uma pessoa. (REBELO, 2016a, p. 27).

Conscientizar-se do peso da história familiar, de seus atores, das relações afetivas que a prendem a esse passado, reelaborar suas memórias e construir outras não experimentadas diretamente impelem-na a romper com vínculos apodrecidos e desatar alguns nós, como aquele representado pelo casamento moribundo.

Nesse sentido, sendo Goa uma entidade física no livro, faz-se também enquanto forma alegórica que sinaliza outras possibilidades de

viver, bastando abrir a caixa de Pandora e espanar o seu pó acumulado durante décadas:

Pego agora numa caixinha de argenteria, vinda de Lourenço Marques. A travessia do oceano, o vento salgado, deixou-lhe uma cor baça, triste. Verto tudo o que lá está dentro. Espalha-se o interior pela madeira de pau-preto. Tanta coisa, tanto quase-lixo. Não sei o que procuro. Não procuro nada. Quero apenas certificar-me de que nada mudou nesta casa, de que os objectos deste apartamento continuam guardiões das minudências dos dias dos meus pais. (REBELO, 2016a, p. 96).

Nem tudo são rosas nessa terra quimérica. Basta lembrar as histórias das mulheres da família subjugadas pelo poder masculino. A tia que não escolheu o noivo, os casamentos realizados tendo em vista as castas e os negócios de família, a mãe que viveu toda a vida à sombra do marido, o sonho das primas com a vida matrimonial, enfim, histórias que se assemelham àquelas experimentadas no outro lado do oceano, mas que sinalizam uma via de saída para o enclausuramento em que parece viver.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.

COELHO, Lilian Reinchert. Uma “ética do si” no romance-crônica-diário-conto *Ana de Amsterdam*, por Ana Cássia Rebelo. *Abril*, Niterói, v. 9, n. 19, p. 119-132, jul.-dez. 2017. Doi: <https://doi.org/10.22409/abriluff.2017n19a426>

REBELO, Ana Cássia. *Ana de Amsterdam*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016a.

REBELO, Ana Cássia. Entrevista. *Leia Mulheres*. 27 abr. 2016b. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/2016/04/entrevista-ana-cassia-rebelo/>. Acesso em: 8 jul. 2017.

REBELO, Ana Cássia. *Variações Goldberg*. Lisboa, 4 fev. 2010. Disponível em: <http://ana-de-amsterdam.blogspot.com.br/2010/02/variacoes-goldberg.html>. Acesso em: 18 maio 2017.